

Divergências entre jornalistas e cientistas na prática do jornalismo científico: há embasamento empírico?¹

Carolina Abbadia MELO²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

A literatura sobre jornalismo científico aponta, na relação entre jornalistas e cientistas, divergências de perspectivas sobre o modo de se fazer a divulgação científica. O estudo busca entender se o embasamento sobre o relacionamento entre esses atores sociais é realizado por meio pesquisas empíricas ou se é limitado às concepções preexistentes e referendadas pela literatura acadêmica. O trabalho se direcionou à pesquisa bibliográfica de estudos presentes na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) que se dedicam, de alguma forma, à análise do relacionamento entre esses sujeitos. Os trabalhos avaliados não avançam em relação à literatura da área.

PALAVRAS-CHAVE: divulgação científica; jornalismo científico; jornalista; cientista; rotina produtiva.

1.INTRODUÇÃO

A literatura acadêmica sobre Jornalismo Científico, ao discorrer sobre o relacionamento entre jornalistas e cientistas, tende a apontar e a dar enfoque às divergências entre esses dois atores sociais da divulgação científica na área do Jornalismo, apresentando a realidade como um problema ainda não superado e que permanece como enfrentamento da prática jornalística e da divulgação científica. As sinalizadas “barreiras” entre cientistas e jornalistas, na avaliação de Maia (2017), colaboram “não só para o distanciamento de cientistas dos meios de comunicação de massa”, como também dificultam “o maior envolvimento de jornalistas com a ciência”, interferindo no engajamento de ambos os profissionais com a divulgação científica (MAIA, 2017, p. 38). Entre os pontos de tensão entre cientistas e jornalistas apontados pela literatura, encontram-se as diferenças de linguagem, o enquadramento (*framing*) que se pretende dar ao conteúdo de divulgação científica publicado na imprensa; a precisão; a relação de confiança entre o autor do conteúdo de divulgação científica (jornalista) e o autor da pesquisa científica (cientista) (OLIVEIRA, 2002; CALDAS,

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Ciência, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

2 Jornalista da Secretaria de Comunicação (Secom) da UFG e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da UFG, e-mail: carolina.melo@ufg.br.



2010; RIOS & MACHADO & KNOLL & OLIVEIRA & PORTES & SILVA, 2005; BUENO, 2010, 2011; MAIA, 2017).

O relacionamento conflituoso, para esse referencial teórico sobre jornalismo científico, tem como pano de fundo as diferenças entre o discurso científico e o discurso jornalístico. Assim como descreve Bueno (2011), as características do discurso jornalístico que contribuem para a divulgação da Ciência se pautam pelo “uso de recursos que seduzam a audiência” e “essa disposição, muitas vezes, entra em conflito com o discurso científico tradicional, mais formal, mais preciso e atento aos detalhes” (BUENO, 2011, p.65).

A base de construção dessa abordagem teórica nos estudos sobre jornalismo científico em muitos aspectos está ancorada na “visão dominante da ciência” presente nos estudos estadunidenses de divulgação científica, discutida por Fetter (2020) a partir da leitura de textos acadêmicos das décadas de 1990 e início de 2000, segundo a qual os cientistas veem a divulgação científica como uma “distorção” do conhecimento científico. A perspectiva, ainda que bastante replicada pelos estudos da área no Brasil, é questionada pela autora, devido à falta de pesquisas empíricas que comprovem essa realidade na atualidade e, mais ainda, no contexto brasileiro.

O questionamento de Fetter (2020) dialoga com o questionamento deste estudo, quando observa que essa visão dominante também está presente na literatura sobre jornalismo científico no Brasil, mais especificamente quando se leva em questão o relacionamento entre jornalistas e cientistas. E serve, inclusive, para referendar uma possível visão conflitante sobre a prática da divulgação científica entre cientistas e jornalistas brasileiros. Levanta-se, portanto, o questionamento se esse possível relacionamento conflitante, descrito nos estudos acadêmicos, é constatado por meio de abordagens empíricas.

2. RECORTE BIBLIOGRÁFICO

O levantamento das produções acadêmicas que se dedicam ao estudo do relacionamento entre jornalistas e cientistas na prática do jornalismo científico, no Brasil, foi realizado na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações



(BDTD)³ nacional – que reúne teses e dissertações produzidas nas instituições de ensino superior (IES) brasileiras. Limitou-se a fazer a sondagem da produção acadêmica brasileira, uma vez que é o interesse deste estudo a análise constitutiva da literatura acadêmica nacional sobre o relacionamento entre cientistas e jornalistas no universo do jornalismo científico. A partir da busca pelas palavras-chave “jornalistas cientistas” apareceram, ao todo, 155 resultados, 114 dissertações e 41 teses. As universidades que mais tiveram pesquisas relacionadas às palavras-chave foram as Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) (30), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (21), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) (14), a Universidade de São Paulo (USP) (12) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (5).

Ao analisar todas as 155 pesquisas, inicialmente pelo título, seguido pelo resumo e, quando havia interesse, pela leitura do trabalho, observou-se que, da totalidade, apenas cinco pesquisas - dissertações - se propõem a discutir, em algum nível, o relacionamento entre cientistas e jornalistas. Quando se pensa no relacionamento entre a ciência e o jornalismo, não a partir dos sujeitos, mas das práticas institucionais, encontrou-se quatro estudos, duas dissertações e duas teses. De acordo com esse levantamento, fica evidente a pouca produção acadêmica direcionada a investigar os sujeitos centrais da divulgação científica na área do Jornalismo e, quando intenciona, não se direciona à análise empírica de como essas relações se manifestam no processo de produção do conteúdo jornalístico.

Das cinco dissertações mapeadas que têm como enfoque, em algum nível, o relacionamento entre jornalistas e cientistas, todas se limitam a entender as percepções dos próprios atores sociais sobre a prática do jornalismo científico: quatro delas avaliam as percepções apenas dos cientistas e somente uma, o estudo de Costa Júnior (2017), incluiu nessa abordagem as percepções dos jornalistas. O autor, para atingir os seus objetivos, também fez o estudo do material jornalístico publicado ao longo do ano de 2016 e que teve como fontes os pesquisadores e cientistas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). No entanto, ele não procurou entender como se estabeleceu e concretizou o relacionamento entre jornalistas e fontes ao longo do processo de produção de conteúdo do jornalismo científico.

3 Disponível em: <https://bdt.d.ibict.br/vufind/> . Último acesso: 22 setembro de 2023.

Das quatro dissertações que buscaram, no seu percurso empírico, entender as percepções dos cientistas sobre a prática de divulgação científica, três delas (MANSO, 2013; BANDEIRA, 2015; MAIA, 2017) lançaram reflexões e concepções teóricas sobre o relacionamento com os jornalistas. Por exemplo, no caso de Maia (2017), apesar da ampla e completa discussão teórica sobre o relacionamento entre os sujeitos, pesquisou empiricamente apenas a perspectiva do cientista, na busca por entender como ele se relaciona com os “meios de comunicação de massa”. De forma interessante, a autora conclui que os pesquisadores participantes de seu estudo apresentaram “uma percepção predominantemente positiva” acerca da relação com a mídia. Ainda assim, o estudo não se ateve à participação ativa do cientista no processo de produção jornalística, que se concretiza por meio das trocas informativas e simbólicas com o jornalista. Ou seja, não avaliou empiricamente como se estabelece, de fato, o relacionamento entre cientistas e jornalistas na rotina produtiva e no processo de produção de conteúdo do jornalismo científico. Já a dissertação de Oliveira (2018) desde a formulação da questão-problema limita-se à percepção dos pesquisadores nacionais sobre a importância de se divulgar a ciência por meio da imprensa.

Destaca-se que todos os cinco estudos que refletem de alguma forma o relacionamento entre cientistas e jornalistas são resultados de dissertações (MANSO, 2013; BANDEIRA, 2015; MAIA, 2017; COSTA JÚNIOR, 2017; OLIVEIRA, 2018), e buscaram entender as percepções que os próprios sujeitos têm dessa relação. As pesquisas não avançam no aprofundamento de como se estabelece essa relação na prática do jornalismo científico e, ao não se atentarem para essa abordagem empírica, não trazem novos elementos para a discussão acadêmica sobre o relacionamento desses sujeitos sociais na produção da divulgação científica. Dessa forma, contribuem para replicar as compreensões sobre como ocorre essa relação já referendadas pela literatura acadêmica. Ao não saber como ocorre empiricamente essa relação hoje, não se discute a literatura já existente sobre o assunto.

Também chama a atenção o fato de o estudo mais antigo encontrado por este levantamento ser de 2013, o que demonstra o interesse recente pela análise mais aprofundada do relacionamento entre cientistas e jornalistas na divulgação científica. Associados a essa temática, há os estudos que investigam o relacionamento a partir das práticas institucionais da ciência e do jornalismo. Nesse caso, foram mapeadas duas



teses (BERTOL, 2007; EDMUNDSON, 2017) e duas dissertações (BARBOSA, 2010; FERREIRA, 2017), onde se identificou a mesma linha de abordagem analítica: entender as convergências e divergências da produção científica e jornalística.

Um estudo considerado por este levantamento, que, no entanto, não tem o jornalismo científico como objeto de estudo, é a tese de Joncew (2005). A pesquisa analisa a participação das fontes formais na qualificação da notícia. Apesar de ter quase duas décadas de distância deste estudo, a pesquisa se mostra relevante ao focar na qualidade da informação, buscando respostas dentro do processo de produção jornalística (*newsmaking*⁴). Para isso, encaminhou a pesquisa teórica e de campo, procurando investigar de forma exploratória a participação das fontes no processo de construção e qualificação da informação jornalística. Ou seja, discutiu o papel das fontes formais (organizações e especialistas) como agentes ativos no enquadramento retratado. Mesmo não tendo entre seus objetivos a análise do relacionamento das fontes com os jornalistas, o estudo lança reflexões metodológicas para as pesquisas que se propõe a entender o processo de produção jornalística que se estabelece a partir do encontro entre jornalistas e fontes formais, como é o caso dos cientistas.

3. CONCLUSÃO

Os estudos acadêmicos que se propõem a pensar o jornalismo científico brasileiro não salientam o relacionamento entre jornalistas e cientistas da atualidade, ou seja, não buscam entender como se manifesta o processo de produção jornalística sobre a ciência a partir do encontro entre os dois atores sociais. Quando há uma literatura consolidada na área que replica a compreensão sobre a divergência entre jornalistas e cientistas no entendimento e na prática da divulgação científica, destaca-se, aqui, a importância das pesquisas empíricas para se entender o fenômeno na contemporaneidade.

4 Newsmaking é uma concepção teórica que estabelece as práticas unificadas da produção de notícias, destacando a noticiabilidade, a sistematização e os valores-notícia. A primeira diz respeito aos critérios que elegem, entre uma infinidade de acontecimentos, alguns para se tornarem notícias. A sistematização diz respeito à rotina produtiva que envolve a produção da pauta, do texto jornalístico e a edição. E os valores-notícia são uma espécie de senso do *ethos* profissional sobre o que é notícia e que responde a pergunta: “quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?”. Portanto, são parâmetros de relevância e importância distribuídos por todo o processo de produção (seleção, recomposição e distribuição) (WOLF, p. 202, 2005; PENA, 2005).

Especialmente após a pandemia de covid-19 e o fenômeno das fake news na área da ciência, observa-se uma aproximação entre a comunicação e a ciência na contemporaneidade, especialmente por meio do encontro e das trocas simbólicas estabelecidas entre jornalistas e cientistas. Apesar de ainda haver espaço para divergências, lança-se a hipótese de que, na atualidade, as convergências são mais sobressalentes e, nesse sentido, destaca-se a relevância de pesquisas que venham a entender a prática jornalística na área da ciência a partir da cadeia e rotina produtiva e, portanto, a partir do relacionamento que se estabelece entre jornalistas e cientistas para a produção de conteúdo. Se existem problemas e acertos na divulgação científica na área do Jornalismo, eles se devem em muitos aspectos à como ocorre a produção desse conteúdo e, antes, a como se estabelece o relacionamento entre os principais atores sociais dessa divulgação.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, C.A.F. **Cultura científica na imprensa baiana**: relações entre pesquisadores e jornalistas em A Tarde. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

BARBOSA, C. L. **A textualização científica em dois discursos**: Jornalismo ou Ciência. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

BARROS JUNIOR, R. A. **Os bastidores da notícia de ciência**: levantamento do comportamento informacional de jornalistas em Goiânia. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

BERTOL, S. R. S. **Divergências e convergências entre a comunicação primária e a comunicação secundária na divulgação do câncer de mama**. 2007. 218 f. Tese (Doutorado em Processo Comunicacionais) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

BUENO, W. C. **As fontes comprometidas no jornalismo científico**. In: PORTO, C. M.; BROTAS, A. M. P.; BORTOLIERO, S. T. (org.) *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, p. 55-72, 2011.

BUENO, W. C. **Comunicação Científica e Divulgação Científica**: Aproximações e Rupturas Conceituais. *Informação & Informação*, Londrina, v.15, n.esp., p.1-12, 2010.



CALDAS, M. G. C. **Divulgação científica e relações de poder.** Informação & Informação, Londrina, v. 15, n. esp, p. 31 - 42, 2010.

COSTA JÚNIOR, C. A. da. **Estudo de caso da relação entre jornalistas e fontes na cobertura jornalística sobre o conhecimento científico produzido pela UDESC.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2017.

EDMUNDSON, M. V. A. da S. **Relações dialógicas no processo de resignificação do discurso científico em enunciados de notícia de popularização da ciência.** 2017. 326 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

FERREIRA, L. C. **Deserto na comunicação:** as relações entre ciência e mídia na desertificação do semiárido brasileiro. 2017. 68f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

FETTER, G. L. (2020a). **Posicionamento axiológico das concepções de divulgação científica.** Aleph, n. 34, p. 124-143, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/41387/25231>. Acesso em: 10 ago. 2020.

JONCEW, C. C. **A participação das fontes formais na qualificação da notícia.** 2005. 310 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) –Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MAIA, B. A. **Os cientistas e os meios de comunicação de massa:** um estudo de caso no Instituto Oswaldo Cruz. 2017. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde)-Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

MANSO, B. L. de C. **Divulgação científica e tecnológica:** interação entre agentes do processo. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2013.



OLIVEIRA, C. C. G. S. **A percepção dos pesquisadores sobre a importância de divulgar a ciência por meio da imprensa.** Dissertação. Campinas, SP: BCCL/Unicamp, 2018.

OLIVEIRA, F. de. **Jornalismo Científico.** São Paulo: Contexto, 2002.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Editora Contexto, 2005

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de massa.** 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RIOS, A. de O.; MACHADO, A. C.; KNOLL, F. C.; DE OLIVEIRA, M.; PORTES, M. V.; DA SILVA, T. C. F. **Jornalismo científico: o compromisso de divulgar ciência à sociedade – A comunicação entre jornalistas e pesquisadores e a responsabilidade social na disseminação de informações científicas.** Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, [S. l.], v. 13, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2785>. Acesso em: 22 set. 2023.